

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA – UAPsi

**“O caminho da felicidade ainda existe. É uma trilha estreita em meio à selva triste”. Uma narrativa autobiográfica de encontros com o RAP na periferia.**

DIEGO GOMES DA SILVA

CAMPINA GRANDE – PB

2021

DIEGO GOMES DA SILVA

**“O caminho da felicidade ainda existe. É uma trilha estreita em meio à selva triste”. Uma narrativa autobiográfica de encontros com o RAP na periferia.**

**Trabalho apresentado à Unidade Acadêmica de Psicologia, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Bacharel em Psicologia, sob orientação da Professora Dra. Maristela de Melo Moraes.**

CAMPINA GRANDE - PB

2021

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial “Tereza Brasileiro Silva” - UFCG**

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial “Tereza Brasileiro Silva”, CCBS - UFCG**

S586c

Silva, Diego Gomes da.

"O caminho da felicidade ainda existe. É uma trilha estreita em meio a à selva triste". uma narrativa autobiográfica de encontros com o Rap na periferia. / Diego Gomes da Silva. - Campina Grande, 2022.

26 f. il.: Color. 21 x 27,9 cm.

Orientador: Profa. Dra. Maristela de Melo Moraes, Dra.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Campina Grande, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Resistência. 2. Violência. 3. Perseverança. I. Moraes, Maristela de Melo. II. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 616-083:616.12-073.7(043.3)

**Responsabilidade técnica de catalogação:**

Jônatas Souza de Abreu, Bibliotecário documentalista, CRB 15-879

DIEGO GOMES DA SILVA

**TÍTULO DO ARTIGO**

**“O caminho da felicidade ainda existe. É uma trilha estreita em meio à selva triste”. Uma narrativa autobiográfica de encontros com o RAP na periferia.**

APROVADO EM: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professor(a) Maristela de Melo Moraes  
Orientador(a)

---

Professor(a) Suenny Fonseca de Oliveira  
Examinador(a) Interno

---

Professor(a) Leandro Oliveira de Andrade  
Examinador(a) Externo

Campina Grande, 22 de outubro de 2021

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que acreditaram em mim e que tornaram possível a realização deste sonho, em especial a minha mãe por ter sonhado junto comigo, por não ter deixado as críticas lhe impedirem de me motivar em busca do que eu acreditava. E mesmo quando escutou de alguém que ela estava querendo demais, apenas pelo fato de querer ver seu filho formado, se manteve firme ao meu lado e me fez entender, que a “lógica” era não conseguir, porém juntos superamos as adversidades e contrariamos as estatísticas.

A meus amigos que foram assassinados e que sei que se estivessem aqui se alegrariam pela minha conquista, sabendo que independente do resultado estariam ao meu lado, assim como foi nos poucos anos de vida que estivemos juntos.

A minha família os GOMES, por sempre demonstrarem tanto orgulho de mim, quero que saibam que sou o que sou graças a cada um de vocês.

A todas as pessoas que perderam a vida nesse tribunal de execuções, que são as periferias brasileira, pois existe um extermínio em massa no Brasil e isso precisa ser evidenciado sempre. Sou um sobrevivente e aqui represento a todos que infelizmente tiveram um fim trágico.

Por último, quero dedicar esse Trabalho de Conclusão de Curso a meu sobrinho Gabriel, gostaria de lhe homenagear de outra forma, mas infelizmente não é possível e dedico a ele parte do esforço para realizar essa atividade. Sua partida me fez compreender um pouco mais, sobre a violência de nossas periferias. Sei que de onde estiver está feliz por mim, quero que saiba que para sempre serás eterno em nossos corações. A dor da sua partida é imensurável, mas não se compara ao amor que sinto por você, por este motivo te dedico este trabalho, uma singela homenagem do seu tio que te amará eternamente.

“Em um lugar onde não há atividades culturais, a violência vira espetáculo”.

Fonte: Arte de rua – sem autor conhecido!

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me mantido firme até aqui e por toda proteção em inúmeras situações de perigo.

Aos meus pais, Maria Helena e Ednaldo in memória, por toda dedicação e esforço para que eu pudesse realizar o sonho de me formar.

Aos meus avós, João in memória e Tereza, pelo suporte ofertado quando resolvi morar com eles e por todo amor que sempre tiveram por mim.

A minha companheira Julieth, pelo suporte e companheirismo durante meu processo de formação e pelos anos compartilhados ao meu lado.

A meus filhos, Yasmin, Yan e Yvie, por serem fonte inesgotável da minha energia, parte do que me tornei como pessoa foi graças ao amor que sinto por eles.

A minhas irmãs, Juliana e Zelia, pelo carinho e por toda motivação desde sempre, por nunca terem soltado minhas mãos e estarem sempre dispostas a me ajudar.

A toda minha família, pela torcida e incentivo, por me fazerem entender o quanto eu os orgulhava, trilhando um caminho nunca antes percorrido por nenhum de nós.

Aos amigos da universidade, que foram fundamentais para que me mantivesse firme na jornada, sem eles nada disso seria possível.

A meus amigos, Elyson, Luiz Carlos e Elias, pela amizade desde que cheguei a Ingá e pelo companheirismo durante esses 17 anos que aqui estou.

Ao amigo, Derik Mendes, pela contribuição e suporte na realização do meu TCC, sua colaboração foi fundamental.

A todos da comunidade Jardim Mangueira em Mandacarú, lugar onde se passa parte da minha história, pela determinação com a qual enfrentam as dificuldades da vida e por ter feito parte da minha trajetória.

A cidade de Ingá e a seu povo, por ter me acolhido tão bem e por fazer me sentir cidadão ingaense, não troco esse lugar por nenhum outro.

À Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, que contribuiu para minha formação acadêmica, através de todos que a compõem.

A minha orientadora, Maristela Moraes, pelo acolhimento nas disciplinas que tive o prazer de cursar com ela, pelo suporte e paciência na orientação do Trabalho de Conclusão de Curso, sem ela esse trabalho não seria possível.

Aos demais componentes da banca examinadora, Suenny Oliveira e Leandro Andrade, pela disponibilidade para compor a banca e pelos momentos que tive o prazer de compartilhar com ambos durante o processo de formação.

A minha professora da 4 série do antigo primário, Lucibéria, pela intervenção que fez durante uma das aulas, onde pegou minha mão, olhou no fundo dos meus olhos e me disse para acreditar em mim. Ela não tem ideia de como mexeu comigo, mas eu sei e hoje sou imensamente grato a ela.

Ao Racionais Mc's, Sabotage, Eduardo Taddeo, Trilha Sonora do Gueto, SNJ, MV Bill, Facção Central e a tantos outros rappers e grupos de rap, que foram fundamentais para meu desenvolvimento intelectual, pelas potências que representam para a periferia e pela resistência, pois compreendo que a luta foi e é enorme para suportar todo o sistema opressor que tenta calar a arte que vem das periferias.

A todas as pessoas que de alguma forma marcaram minha vida e que torcem por mim, seja de longe ou de perto, deixo meu agradecimento a quem infelizmente esqueci de citar aqui, sintam-se abraçados por mim.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir algumas das questões de violência e desigualdade a qual são submetidas as populações periféricas. A partir de uma narrativa autobiográfica, amparada pelas discussões da psicologia comunitária e uma postura paulofreiriana. A motivação para desenvolver o presente trabalho, surgiu a partir do meu lugar de fala e das vivências experienciadas por mim, no meu contexto de vida, foi uma escolha que possibilitou aproximar os temas aqui tratados da psicologia, a partir de um trabalho acadêmico que não apresenta separações formais entre quem estuda e o campo que estuda, apostando em uma psicologia que pode efetivamente contribuir para o desenvolvimento das periferias. O presente trabalho tem ainda como efeito importante a quebra de grilhões da escravidão que bloquearam a minha vida e de toda a minha família, impossibilitando a outros uma formação superior, nos impedindo de acreditar que fosse possível realizar algo que historicamente nos foi, e ainda tem sido, negado e dificultado. Como em uma letra de rap, os tópicos do TCC narram situações vividas e articulações possíveis a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos escolhidos. Através do presente trabalho, não só serei o primeiro da família GOMES a concluir um curso superior, marcando com muito orgulho uma nova fase da nossa história familiar, mas também deixo um legado ao curso de psicologia da Universidade Federal de Campina Grande e uma inspiração aos futuros e presentes psicólogos que, como eu, podem recontar sua própria história a partir de uma reflexão que a academia tem condições de promover.

Palavras-chave: Resistência, desigualdade social, violência, perseverança.

## **ABSTRACT**

The objective of the work is to discuss some of the issues of violence and inequality to which they are submitted as peripheral populations. From an autobiographical narrative, supported by the impact of community psychology and a Freirian stance. The motivation to develop this work, which came from my particular speech and from the experiences I passed through, in my life context, was a choice that made it possible to bring the themes dealt with here closer to psychology from an academic work that did not presents formal separations between those who study and the field they study, betting on a psychology that can contribute to the development of the peripheries. The present work also has an important effect on breaking the shackles of slavery that blocked my life and that of my entire family, making it impossible for others to obtain graduation education, preventing us from believing that it was possible to accomplish something that historically was, and still has been, denied and hampered. As in a RAP (Rhythm and Poetry) lyric, the typical TCC narrates lived hypotheses and possible articulations based on the chosen theoretical and methodological assumptions. Through this work, not only will I be the first in the GOMES family to complete a course, proudly marking a new phase in our family history, but I will also leave a legacy to the psychology course at the Campina Grande Federal University and an inspiration to future and present psychologists who, like me, can recount their own story based on a reflection that the academy is able to promote.

**Keywords:** Resistance, social inequality, violence, perseverance.

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO E LUGAR DE FALA/ESCRITA .....</b>	<b>09</b>
<b>2 MEU RAP DE VIDA .....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 Infância na Periferia.....</b>	<b>12</b>
<b>2.2 Encontrando o Rap.....</b>	<b>15</b>
<b>2.3 Estudar foi meu maior ato de resistência .....</b>	<b>18</b>
<b>2.4 Minha mãe me viu morto várias vezes .....</b>	<b>20</b>
<b>2.5 O Rap como “suporte” psicológico .....</b>	<b>22</b>
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O QUE A PSICOLOGIA TEM A VER COM TUDO ISSO? .....</b>	<b>24</b>
<b>REFERENCIAS .....</b>	<b>26</b>

## 1 APRESENTAÇÃO E LUGAR DE FALA/ESCRITA

Desde a minha infância fui sonhador. Assim como a maioria dos jovens da periferia, almejava ser jogador de futebol e tive minha vida limitada pelo “sistema”. Digo “sistema” para me referir ao Estado, pois foi assim que o conheci através das letras de RAP, me esquivei do ciclo vicioso das periferias e assim como qualquer pessoa tive que fazer minhas escolhas. Dessa forma, escolhi sonhar e sobreviver. Não busquei soluções rápidas e fáceis, mas isto não é uma crítica a quem, por algum motivo o fez, tendo em vista que não é possível julgar alguém por suas escolhas, sobrevivendo em condições de vulnerabilidades sociais, onde o capitalismo também se faz presente em obrigações, mas quase nada oferta em possibilidades.

Conheci muitas pessoas que chegaram à prisão e algumas que conseguiram não se tornar “um homem na estrada”, aquele que luta para provar a si mesmo que mudou, que quer viver em paz e não olhar para trás, após deixar o sistema carcerário em busca de uma oportunidade, como está representado na música “o homem na estrada” do grupo Racionais MC’s. Eu inclusive, fui apreendido na adolescência aos 16 anos e vi de perto a violência dos cárceres no Brasil. Mesmo permanecendo ali por apenas uma noite, deu para compreender as várias formas de violência presentes naquele lugar.

Na delegacia, a presença da minha mãe, e da sua patroa (minha mãe trabalhou como doméstica, por mais de 20 anos na casa da mesma pessoa), isso estreitou os laços entre elas, evitou que eu sofresse mais com a violência naquela noite, porém todos que se encontravam detidos foram espancados. Sua patroa chegou inclusive a dizer que tomaria providências caso eu fosse agredido e essa postura talvez tenha me favorecido. Fui beneficiado pela condição social de outra pessoa, uma situação que, em vez de me deixar feliz, me deixou triste, por saber que em outras situações eu também seria vítima daquela violência.

Minha história, e de tantos outros, está um pouco representada na introdução da música "Capítulo 4, Versículo 3", lançada em 1997 pelos Racionais MC's, onde é retratado o cenário de desigualdade existente no Brasil no final dos anos 90. Sou grato ao RAP, pois foi a partir dele que pude compreender algumas questões e me esquivar do ciclo de violência/criminalidade. Busquei valorizar a educação e pude ir em busca do meu “sonho de consumo”, que no meu caso foi a formação em um curso superior, mais precisamente o curso de Psicologia, estando agora na última etapa do ciclo, deste sonho, que é o Trabalho de Conclusão de Curso - TCC.

Decidi construir um trabalho, para finalizar esta formação, a partir das experiências significantes da minha vida e da minha história, esperando talvez que esse relato acadêmico, possa inspirar outros jovens a perceber as situações de vulnerabilidade social às quais estão

submetidos, bem como as possibilidades de resistência coletiva às desigualdades e à violência. Espero ainda instrumentalizar profissionais da Psicologia para que possam reconhecer os desafios da vida na periferia e como podem auxiliar na luta pela redução das opressões que geram sofrimento e morte. Nesse sentido, optei pelo uso da narrativa autobiográfica como ferramenta metodológica que permite a junção entre o sujeito e o foco de estudo em uma mesma pessoa, de acordo com (MARQUES & SATRIANO, 2017), uma aposta ousada, mas bem fundamentada teoricamente.

Nunca consegui nada com facilidade em minha vida e o TCC foi, e é, um dos momentos mais aguardados durante minha formação acadêmica, tendo em vista meu forte desejo de deixar alguma contribuição para a academia e para a sociedade. Meu objetivo, portanto, foi desenvolver um trabalho que desse visibilidade às questões sociais urgentes, como é o caso das violências vivenciadas diariamente nas periferias brasileiras. Essas violências e vivências, geralmente, são retratadas de forma muito superficial pela grande mídia e por quem tentou retratar aquela realidade vindo de fora.

Existem lacunas gigantescas quanto às complexidades do tema escolhido para o TCC, tendo em vista que é praticamente impossível descrever, todo aquele cotidiano apenas em matérias de programas sensacionalistas, ou a partir de documentários que tem como objetivo mostrar o cotidiano dessas comunidades. Ser empático aquelas pessoas ou ouvi-las por algum momento não é o suficiente para entender com clareza a dor, o sofrimento e as diversas emoções que são experienciadas pelas pessoas que vivem nesses lugares. São sensações e emoções que só quem sente na pele pode explicar. É algo que rasga a alma e que deixa cicatrizes por toda a vida.

Demorei muito para compreender que sou vítima de um sistema orquestrado e de que todas as pessoas que vivem nas periferias também são. Perceber essas questões me causou muita indignação. Por este motivo resolvi desenvolver meu TCC a partir das minhas vivências em um dos bairros mais violentos de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba. Revisitar minhas lembranças naquele lugar foi uma experiência extremamente dolorosa, mas também serviu para refletir sobre as potências existentes ali, que contribuíram de forma positiva na superação de todas as adversidades causadas pelo processo de exclusão vivenciado, que limita e dificulta as nossas ações em busca de uma melhor condição de vida.

“Em Genealogia da Moral, Nietzsche oferece um relato controverso de como é possível nos tornarmos reflexivos sobre nossas ações e de como nos colocamos em posição de relatar o que temos feito. Observa que só tomamos consciência de nós mesmos depois que certos danos são infligidos” (BUTLER, 2015). Esse trecho do livro *Relatar a si mesmo*, de Judith Butler,

retrata bem as dificuldades de falar sobre si após sofrer os efeitos de tantos danos, mas também faz referência à importância desse relato na tomada de consciência da realidade a qual vivemos ou estivemos inseridos em algum momento de nossas vidas.

Encontrar a melhor maneira de falar sobre minha infância/adolescência, até a idade adulta e as experiências relevantes que tive vivendo em um contexto de periferia, foi um grande desafio a ser enfrentado no presente trabalho. Não tenho como objetivo romantizar as lutas travadas para sobreviver na periférica, muito menos fazer com que meu relato seja utilizado para legitimar a ideia de que é "possível" para qualquer pessoa superar as dificuldades existentes nesses lugares. Me considero apenas sobrevivente das condições adversas. Sofri muito e tive que lutar bastante para chegar até aqui vivo. Minha experiência pode até ser utilizada para exaltar minha resiliência e os elementos de suporte, como o rap, a educação e a família, que me possibilitaram trilhar um caminho diferente da cadeia ou do cemitério, realidade de grande parte dos jovens nas periferias.

Buscarei narrar situações vividas por mim e pelas pessoas que me acompanharam e acompanham, sem a formalidade da linguagem acadêmica, mas embasado metodologicamente, tornando possível a compreensão sem muitas dificuldades por todas as pessoas que desejarem realizar a leitura do presente trabalho. Por este motivo optei pela pesquisa autonarrativa, que “fundamenta-se na descrição, reflexão e introspecção, tanto intelectual quanto emocional, do narrador (em sintonia com autores escolhidos por ele dentro de um contexto sociocultural para interlocução teórica) e do leitor/interlocutor da narrativa” (BOSSLE & MOLINA NETO, 2009). O objetivo foi, portanto, realizar uma narrativa autobiográfica, uma escrita em “primeira pessoa”, sobre mim e sobre minha história, marcada pela superação e por muita luta.

## **2 MEU RAP DE VIDA**

### **2.1 Infância na Periferia**

Revisitando minhas memórias da infância na periferia, logo lembrei do quanto foi sofrida essa fase. Lembrei das dificuldades enfrentadas e dos sonhos que tive desde de criança. Sonhava com uma casa que na minha cabeça era algo inimaginável e difícil de ser alcançado, pois nesses sonhos minha casa tinha água encanada, um banheiro dentro de casa com elementos básicos como assento sanitário e um chuveiro. Eu não desejava sequer um box pois em meus sonhos não era possível entrar algo que eu nunca havia sequer ouvido falar. Nesse modelo de casa dos sonhos havia ainda uma pia na cozinha que serviria para lavar os pratos e manter tudo organizado.

Nascido em 1986, no dia 22 de outubro, negro, filho de uma doméstica e de técnico em refrigeração (profissão aprendida na prática, sem qualquer curso), sendo meu pai analfabeto. Não me restavam alternativas a não ser sonhar e lutar por dias melhores, mesmo sem entender o que causava as dificuldades que enfrentávamos.

Jamais parei para pensar sobre o motivo de idealizar uma casa assim, porém com o passar do tempo consegui refletir sobre este sonho de infância e a vida que tive durante essa fase. Quando eu estava com 8 anos de idade morávamos num barraco de taipa (construção de madeira e barro), por ser muito frágil era sempre necessário observar como estava a estrutura, devido ao risco de desabamento. Não tínhamos água encanada nem muito menos saneamento básico.

Essa fragilidade de nossa casa me fez lembrar de momentos horríveis, onde por inúmeras vezes acordamos durante madrugadas chuvosas com a água passando no meio da casa. Nesses momentos, meu pai se levantava e saía para tentar resolver de alguma forma o problema, enquanto nós ficávamos morrendo de medo da casa desabar. Com o passar do tempo essa casa foi se inclinando e meu pai usou algumas escoras como paliativo, algo que não resolvia tendo em vista a gravidade da situação.

É difícil estar relatando todas essas vivências, pois me afeta demais lembrar o semblante de medo que existia em nossos rostos. Minha mãe ficava tentando nos acalmar e meu pai ficava simplesmente desesperado, às vezes esperando por toda a madrugada até que no dia seguinte parasse de chover. Por sorte nossa casa nunca desabou, mas infelizmente era comum saber que a casa de alguém de perto não resistiu.

Essa falta de estrutura tornava a vida ainda mais difícil, pois além da condição de pobreza, era necessário lidar com essas questões que agravavam nossas vidas. Sem saneamento ou água encanada era muito difícil realizar nossas necessidades básicas. Nossa casa era na parte alta da comunidade e para tomarmos banho precisávamos buscar água na parte baixa, pois só chegava água em nossa torneira a noite, isso quando chegava. É praticamente impossível viver nessa realidade e não sonhar com melhorias para sua família e todos os que estão nas mesmas condições que você. É revoltante, porém, quando percebemos que nosso sonho, algo que parecia tão distante e impossível, nada mais era do que um direito fundamental, coisa que deveria existir de forma real e concreta, que não fosse apenas da ordem do imaginário.

Essa realidade causou muita dor e sofrimento, sem nos dar sequer o direito de compreender o porquê de todas essas dificuldades. Negar essa realidade, ou tentar de alguma forma justificar, é de fato desconsiderar problemas que causam danos talvez irreversíveis na vida das pessoas, felizmente comigo não foi assim, pois consegui me manter forte e resistir as mazelas existentes ali. Cerruti (2016) explica que tal segregação espacial é, sobretudo, gerada pelo medo da violência, que faz com as classes mais altas cada vez mais desenvolvam tecnologias de exclusão social, impondo divisões, restringindo a circulação urbana, bem como, de maneira crescente, criminalizam categorias sociais.

Na mesma direção, Caldeira (2000) “considera que desigualdades, separação e controle de fronteira tornaram-se categorias estruturantes da composição do espaço urbano”, questões que só compreendi após alguns períodos do curso de Psicologia, a partir dos conteúdos críticos da grade curricular do curso. Tal desenvolvimento crítico foi fundamental para a realização do presente trabalho e possibilitou compreender melhor os danos aos quais fomos expostos, através da retirada de direitos fundamentais e da falta de oportunidades, enquanto moradores de uma comunidade periférica.

Diante da pobreza, às vezes só era possível pensar em melhorias pontuais e acreditar na força da coletividade para lidar com nossos problemas. Não tínhamos conhecimento de que a maioria daquelas questões eram simplesmente omissão do poder público, que nos negavam os direitos mais básicos possíveis.

O momento que marcou minha compreensão sobre como nos faltavam recursos básicos, aconteceu quando eu e minha irmã mais velha passamos mal durante a madrugada, minha mãe estava só em casa, tendo como única possibilidade de pedir ajuda uma ficha telefônica. Em meados dos anos 90, essa era a forma de comunicação da maioria das pessoas, porém não existia sequer um orelhão na comunidade e o mais próximo ficava há mais de 1 Km. Por sorte um amigo apareceu e a acompanhou até o orelhão, graças ao auxílio do nosso vizinho e o suporte

que meu tio ofereceu naquele momento tudo ficou bem, mas algo bem pior poderia ter acontecido, apenas pela falta de um telefone público na comunidade.

Cerruti (2016) comenta que, a abissal desigualdade social brasileira se reverte em uma imagem cindida de si própria que fala de uma sociedade organizada e modernamente constituída; e na anomia, violência e atraso. Tais resíduos de outrora, que resistem ao processo de modernização, tem seu maior expoente na pobreza e na brutal desigualdade social. Toda essa desigualdade e a negação da existência da mesma, tem como consequência o desencadeamento marcante da violência e evidenciam a importância de ações por parte do poder público nessas localidades, tendo em vista que, negar essa realidade só serve para contribuir com a injustiça social.

Por falta de equipamentos públicos de lazer, só nos restava brincar até uma certa idade de pipa, pião, bola de gude e depois acabávamos indo para o único lugar que existia para diversão: o campo de futebol, onde havia também consumo de drogas e exposição a armas. Não existiam investimentos públicos em segurança, saúde, cultura e lazer. Sendo assim, crescemos com pouquíssimas possibilidades e fomos nos encantando pelo que estava disponível na nossa realidade, que nesse caso eram as armas e o sentimento de poder representado por essas.

Em nossas conversas foram surgindo o desejo pelas armas e de buscar “respeito” dentro da comunidade, tendo em vista que a violência era a única forma de diálogo que conhecíamos. Sobre isso, nos diz Cerruti (2016, p.45), a intensidade e a violência da repressão – ou da supressão – irão depender não apenas das necessidades intrínsecas ao próprio processo civilizatório, mas da intensidade da luta de classes que nele se desenvolve.

Foi ainda na infância que tive meu primeiro contato com uma arma. Não lembro muito bem com quantos anos estava, mas acredito que foi por volta dos 10 anos de idade. Fiquei encantado e assustado ao mesmo tempo, devido ao fato de imaginar o perigo que aquele objeto representa e de saber que meus pais não gostariam nada de saber daquela história.

Dentro dessa realidade que parecia imutável, acabei descobrindo algo encantador e que também fazia parte da nossa realidade, mas que infelizmente era desconhecido para mim. Me refiro ao rap, movimento artístico e cultural mais presente nas periferias. Para poder ouvir o rap, tive que enfrentar a reprovação do meu pai, que utilizava a expressão pejorativa “isso é música de maconheiro”. Ele tentava de todas as formas me impedir de ouvir aquelas músicas em casa.

Sei das limitações do meu pai, um homem negro, filho de outro negro, descendente de escravos e analfabeto, alguém que desde cedo se dedicou a trabalhar para ajudar a família. Por este motivo, não o condeno pelo comportamento preconceituoso em relação ao rap, ele não fazia ideia do poder transformador que a música pode representar na vida das pessoas. Sei que

se ele imaginasse o bem que o rap me fez, jamais teria reprovado esse meu desejo de ouvir e me envolver com aquela arte, pois como dizia o rapper Mauro Mateus dos Santos (Sabotage), assassinado em São Paulo em 2003 “o rap é compromisso”, Sabotage foi mais uma vítima da violência urbana nas periferias, porém ele deixou uma rica contribuição para sua comunidade através do rap. Sendo assim, entendo que o compromisso principal do rap, é abrir caminhos a serem trilhados pelos jovens das periferias e potencializar ações significativas na vida de toda comunidade.

## **2.2 Encontrando o RAP**

Meu encontro com o rap se deu por acaso, ouvi pela primeira vez passando em frente à casa de um vizinho, não conseguia entender muito bem a letra pois estava um pouco distante, mas ao me aproximar já fui tomado pelo ritmo e a batida daquele som tão contagiante. Fiquei encantado e profundamente tocado pela música “diário de um detento” do grupo Racionais MC’s. Parei e fiquei lá ouvindo por muito tempo, até descobrir o nome do grupo para poder ouvir posteriormente.

Naquela letra estava presente, várias situações do meu cotidiano e as consequências de quem se envolvia com a criminalidade, os riscos, os medos de quem estava inserido nessa realidade de violência. Era minha vida e dos meus amigos sendo cantada, essa representatividade presente nas músicas mexeu demais comigo e com meu imaginário. Esse encontro com o rap, iniciou o processo de transformação do meu modo de perceber toda a estrutura da comunidade, através das questões sociais e políticas cujas letras estão carregadas.

Lealdade é o que todo preso tenta. Conseguir a paz, de forma violenta. Se um salafrário sacanear alguém. Leva ponto na cara igual Frankenstein. Fumaça na janela, tem fogo na cela. Fudeu, foi além, se pã, tem refém. Na maioria, se deixou envolver. Por uns cinco ou seis que não têm nada a perder. Dois ladrões considerados passaram a discutir. Mas não imaginavam o que estaria por vir. Traficantes, homicidas, estelionatários. Uma maioria de moleque primário. Era a brecha que o sistema queria. Avise o IML, chegou o grande dia. Depende do sim ou não de um só homem. Que prefere ser neutro pelo telefone. Ratatatá, caviar e champanhe. Fleury foi almoçar, que se foda a minha mãe! Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo. Quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio! O ser humano é descartável no Brasil. Como modess usado ou Bombril. Cadeia? Claro que o sistema não quis. Esconde o que a novela não diz. Ratatatá! Sangue jorra como água. Do ouvido, da boca e nariz. O Senhor é meu pastor. Perdoe o que seu filho fez. Morreu de bruços no salmo 23. Sem padre, sem repórter. Sem arma, sem socorro. Vai pegar HIV na boca do cachorro. Cadáveres no poço, no pátio interno. Adolf Hitler sorri no inferno! O Robocop do governo é frio, não sente pena. Só ódio e ri como a hiena. Ratatatá, Fleury e sua gangue. Vão nadar numa piscina de sangue. (Diário de um detento, Racionais Mc’s, 1997).

Esse é o trecho final da música Diário de um Detento. Ela tem por objetivo retratar a realidade dentro das penitenciárias, mas seu foco principal é no massacre do Carandiru ocorrido em 1992. No trecho “conseguir a paz de forma violenta”, ficou marcada para mim a forma como os dois irmãos tentavam “comandar” nossa comunidade e também como eu percebo as ações dentro de várias outras comunidades brasileiras. Já no trecho “depende do sim ou não de um só homem, que prefere ser neutro pelo telefone”, vislumbrei secretários de segurança ou políticos em geral em seus modos de agirem. Quando aconteciam rebeliões no presídio que era visível da minha casa. Por último, analisando essa música, quero destacar a parte que diz “O Robocop do governo é frio, não sente pena, só ódio e ri como a hiena”, que me remete à relação da polícia, que nesse caso está representada de maneira figurada, como um personagem de uma série dos anos 80 (Robocop - O policial do Futuro), talvez idealizando uma polícia com poder de extermínio em massa, no “combate” à criminalidade.

Foi a partir dessa música que um universo se abriu para mim, pois eu jamais havia pensado sobre essas questões. Imaginava que existiam várias outras músicas tão potentes como esta, mas também sabia que teria que enfrentar meu pai para poder ter acesso a elas. Ele não sabia, mas minha revolução com relação à informação começou ouvindo um estilo musical que ele reprovava e considerava “coisa de maconheiro”, expressão que ele utilizava de forma pejorativa. Infelizmente não era do seu conhecimento a potência do rap como elemento transformador das pessoas e das comunidades.

Depois de entender que gostaria de ouvir mais aquelas músicas, resolvi enfrentar meu pai e pedi a um amigo que se possível gravasse uma fita K7 para mim. O ano era 1999, eu estava com apenas 12 anos quando ouvi Racionais pela primeira vez e consegui minha primeira fita. Foi uma sensação incrível ouvir todas as músicas quantas vezes eu quisesse. Meu pai tentou me impedir e graças a minha mãe não conseguiu. Ela tem papel fundamental em minha vida, pois tudo que eu desejei, ela sempre acreditou e me fazia compreender que confiava em mim. Acredito que ela via o brilho nos meus olhos e percebia como aquelas músicas me tocavam. Não tenho dúvidas que de alguma forma ela entendia que aquilo era bom pra mim, então ela enfrentou meu pai e disse que eu escutaria sim aquelas músicas: foi a partir dali que pude me aprofundar nas reflexões das letras.

Ouvia as músicas e viajava nas letras. Meus amigos às vezes me acompanhavam e discutíamos sobre o conteúdo das mesmas, porém havia confronto de ideias, pois enquanto eu estava atento às conclusões das cenas retratadas nas músicas. Meus amigos se atentavam para a adrenalina vivida pelos personagens. Penso que foi o primeiro assunto que me fez ser tachado de “louco” pelos meus amigos, já com as músicas aprendi sobre a ideologia do rap. Não sabia

muito bem o significado, mas pensava ser algo com o objetivo de ensinar alguma coisa e assim que foi.

Com o rap, fui percebendo que seriam inúmeras as dificuldades da vida e que trilhar o caminho, qualquer caminho, seria extremamente difícil. Talvez o mais fácil tivesse sido o de me envolver com o que estava mais perto da minha realidade (as drogas e todo o ciclo vicioso das periferias), mas entendi que ceder a essas tentações ou assédio fazia parte do plano do sistema macropolítico que cerceia as periferias brasileiras. Essa macropolítica, de acordo com (ANDRADE, 2012) “é a estrutura da Organização Política Dominante (OPD) existente em cada país. A Organização Política Dominante (OPD), na maioria dos países, é o Estado quem organiza, de acordo com determinados ordenamentos jurídicos que permitem que haja um chefe de estado, um poder legislativo, um poder judiciário e uma administração composta por servidores que executam metas governamentais”. Ou seja, o Estado que para mim foi apresentado como o “sistema” nas letras de rap, era essa organização que pode aparecer como dominadora e limitadora da vida na periferia. Porém decidi me manter firme e continuei trilhando meu caminho, mesmo diante das adversidades. Meu principal incentivo era o rap.

Depois de ouvir algumas músicas meu foco principal passou a ser a música Capitula 4, Versículo 3, não só pela letra, mas pelos dados existentes na introdução:

60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial. A cada 4 pessoas mortas pela polícia, 3 são negras. Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros. A cada 4 horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo. Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente (Capítulo 4, Versículo 3, Racionais Mc's, 1997).

Diante desses fatos comecei a me fazer algumas perguntas. Fui imaginando a realidade vivida e como eu e minha comunidade estávamos representados nesses dados, pois infelizmente, até então, não conhecia absolutamente ninguém que estivesse na universidade ou que havia cursado um curso superior, porém conhecia muitos que já haviam sofrido violência policial e conseqüentemente também sentia medo da polícia. Por sorte não conhecia ninguém que houvesse sido vítima da polícia, mas entendi que assim como o “Primo Preto” citado na música, todos nós ali éramos sobreviventes e vítimas dessa realidade violenta. A música segue e tem uma conotação de muito ódio pelas desigualdades sociais, algo que ia deixando escancarado que essa também era nossa realidade:

Mas não, permaneço vivo, prossigo a mística. Vinte e sete anos contrariando a estatística. Seu comercial de TV não me engana. Eu não preciso de status nem fama. Seu carro e sua grana já não me seduz. E nem a sua puta de olhos azuis. Eu sou apenas

um rapaz latino-americano. Apoiado por mais de 50 mil manos. Efeito colateral que o seu sistema fez. (Capítulo 4, Versículo 3, Racionais Mc's, 1997)

Não consegui entender no início este trecho, então meu tio, o irmão mais novo da minha mãe, me explicou um pouco. Ele me falou que as estatísticas naquele ano (1999) mostravam que a idade média em que morriam os jovens negros de periferia, era por volta dos 23 anos de idade. Segundo os dados do Atlas da Violência (UNICEF, 1999), no referido ano aconteceram 403 homicídios na Paraíba, onde 202 eram jovens entre 15 e 29 anos. Naquele momento me assustou muito saber que existiam dados para retratar algo desse tipo, ficando nítido que não se mensuram muito as coisas positivas para a juventude negra das periféricas, mas sim as mazelas presentes nas comunidades periféricas.

### **2.3 Estudar foi meu maior ato de resistência**

Decidi muito cedo priorizar os estudos. Nunca duvidei das possibilidades ofertadas por meio da educação, pois de alguma forma compreendia que existiriam poucas oportunidades ali. Até mesmo o caminho da educação apresentava dificuldade, tendo em vista que não existiam escolas na comunidade, sendo necessário ir para escolas em outras comunidades, e inclusive encontrar pessoas de comunidades rivais da que eu morava e isso representava um risco. Também existia o risco do percurso, possibilidade de uma emboscada no caminho da escola etc, alguns dos motivos que fizeram muitos dos meus amigos e outros jovens desistirem da escola. O perigo se fazia presente em várias situações do nosso dia a dia.

Vivendo essas situações de perigo e de familiaridade com armas, cheguei a ir armado para a escola e em uma das situações de perigo que vivenciei, estava voltando da escola por volta das 22:30h e no trajeto final, já bem perto da minha casa, precisava passar pelo campo de futebol que era cenário da maioria das violências na comunidade. Nesse campo algumas pessoas foram assassinadas durante assaltos noturnos e até mesmo em emboscadas, algo bem recorrente lá. O campo dividia a comunidade que morava das demais, ou seja, era um ponto ou “campo” também de conflito. Então, quando estava me aproximando do campo, percebi algumas pessoas atravessando o mesmo. Eram mais ou menos 4 pessoas e uma delas carregava uma arma longa, talvez uma espingarda calibre 12, e os demais estavam de armas em punho. Eu estava com um revólver que um amigo me emprestou para ir à escola, pois naquele período existia um confronto entre meu bairro e o bairro vizinho, inclusive alguns amigos já haviam sido assassinados pelas pessoas do outro bairro.

Felizmente não fui visto e nada mais sério aconteceu, porém a partir desse dia resolvi vir morar com meus avós em outra cidade da Paraíba, onde resido atualmente. O apoio da minha família foi importantíssimo nesse momento, tendo em vista que nem todos ali recebiam o mesmo suporte familiar que me foi fornecido no momento na minha tomada de decisão. Alguns amigos chegaram a comentar comigo, sobre como eu tinha sorte de poder mudar quando decidi e que fariam o mesmo, se assim fosse possível para eles. Isso me faz entender, que nem sempre é possível mudar sua realidade, apenas por querer, pois necessitamos de condições para fazê-lo, mesmo acreditando que o ideal seria poder viver feliz no lugar onde se nasce e se criam suas raízes como no “rap da felicidade, da dupla Cidinho e Doca”. Eu também queria ser feliz e andar tranquilamente na favela onde eu nasci, mas infelizmente não deu e ainda tive que lidar com as dores causadas pela violência do meu lugar.

Todas as mudanças são difíceis, dolorosas e trazem consigo uma série de conflitos emocionais. Assim também foi quando resolvi me mudar de cidade, como no trecho da música Fórmula mágica da paz:

Minha área é tudo que tenho, a minha vida é aqui, eu não consigo sair. É muito fácil fugir, mas eu não vou, não vou trair quem eu fui, quem eu sou. Eu gosto de onde eu estou e de onde eu vim, o ensinamento da favela foi muito bom pra mim. (Música, Fórmula Mágica da Paz, Racionais Mc's, 1997)

Esse trecho retrata exatamente o que senti naquele momento. Fala do sentimento de traição com os meus semelhantes. Era como se eu estivesse fugindo sem me importar com o que poderia acontecer com eles e isso de fato não era verdade, pois eu saí dali com o coração partido. Me sentia parte de tudo naquele lugar, era exatamente o que eu fui e o que eu era até então, assim como dizia a música. Porém, eu estava decidido a continuar estudando e sabia que infelizmente ali não era mais possível. Fico triste ao lembrar essa parte da minha história, pois me vêm as lembranças dos amigos que não tiveram as mesmas oportunidades que eu, nem todos tinham familiares para lhes dar o suporte em outro lugar e muito menos seus pais eram detentores de condições de se mudar, algo que não acredito ser a solução, mas que vi acontecer com muitas pessoas, que na oportunidade tiveram, não pensaram duas vezes e se mudaram. Era e continua sendo assim até os dias atuais, uma espécie de migração proveniente da violência.

Esse processo da busca desesperada para sair da comunidade traz consigo algumas marcas, pois abandonamos parte da nossa história quando saímos do nosso lugar de origem de uma maneira tão violenta. Essas mudanças não acontecem pela busca de oportunidades, mas pelo desejo de fuga de uma realidade marcada por eventos que causam danos.

Hoje, sequer gosto de retornar àquele lugar, mas ainda mantenho vivas em mim lembranças da infância e da adolescência que vivenciei lá. Consigo entender que meu maior ato de resistência foi continuar estudando e valorizando todas as oportunidades possibilitadas pela educação. Sei que fui frequentemente questionado pelos meus amigos, sobre valer ou não a pena estudar. Hoje posso responder com toda certeza que sim: sem a educação em minha vida, eu seria apenas mais um número dentro das estatísticas, sobre as jovens vítimas da violência nas periferias brasileiras.

#### **2.4 Minha mãe me viu morto várias vezes**

Comecei a sair de casa para festas aos 14 anos, na companhia dos meus amigos passava noite toda fora de casa, minha mãe não gostava da ideia, pois sabia que nosso bairro era muito perigoso, porém na adolescência eu assim como a maioria dos jovens me achava um super herói, achava que nenhum mal podia me acontecer e que conseguiria me sair bem de todas as situações de perigo. Minha mãe tinha toda razão do mundo, aquele lugar era extremamente perigoso, passei por inúmeras situações que poderiam ter me custado a vida, não gostava muito da ideia de sair à noite, mas queria me sentir parte do grupo, hoje percebo que ali se manifestava a ideia de pertença grupal, algo que só tomei conhecimento que existia nas aulas de sociologia.

Sáímos sempre no sábado e tínhamos como destino o “Pé de Ouro”, que no final dos anos 90 e início dos anos 2000 era um dos clubes mais conhecidos da cidade, tanto como espaço de lazer quanto pela violência: inúmeros foram os homicídios que aconteceram em frente e até mesmo dentro do clube. Devido a essa violência, o clube foi obrigado a fechar e abrir com outro nome, passando a se chamar “Over Night Club”. Só o nome foi modificado e a violência continuou a mesma.

Foi nesse lugar que comecei a conhecer os inimigos de alguns amigos meus e quem eram os desafetos da minha comunidade, pois além de existir rivalidade entre os bairros, também existiam rixas entre comunidades do mesmo bairro, ou seja, era uma guerra entre bairros e periferias. “Vivíamos nos matando, mesmo sendo iguais em vários aspectos”: ouvi isso pela primeira vez na música “Fórmula Mágica da Paz, 1997” e percebo que é isso que as periferias precisam encontrar, essa fórmula mágica para unir as periferias, algo que até aconteceu a partir do grupo Racionais MC’s em São Paulo. Mano Brown, líder dos Racionais, falava exatamente isso, mas infelizmente essa realidade não chegou em todos os lugares, pelo menos não na minha comunidade e nem nos demais bairros próximos a ela.

Essas aventuras perigosas, em busca de diversão, eram bem recorrentes e enquanto eu estava me divertindo ou receoso com alguma situação, minha mãe ficava sofrendo em casa, uma certa vez minha avó me falou que minha mãe não conseguia dormir quando eu estava fora de casa. Isso acontecia, porque era muito comum ouvir tiros durante a madrugada em nossa comunidade, era comum acordar no dia seguinte e saber que os tiros que ouvidos na madrugada vitimou alguém conhecido.

Minhas irmãs também saíam a noite e já imaginei receber a notícia de que a vítima dessa vez foi uma delas. É um sentimento horrível e aquele era o sentimento companheiro da minha mãe. Nas madrugadas que passei fora de casa, ela me viu morto várias vezes. Não aconteceu comigo, mas vários dos meus amigos, companheiros inclusive dessas festas, foram vítimas da violência mortal que nos rodeava.

Perdi meus primeiros amigos para a violência muito cedo, apenas 5 dias após completar 15 anos de idade. Foram dois: um com a mesma idade que eu na época e o outro já maior de idade. Aquele momento marcou minha vida, pois até então eu acreditava que aquela violência nunca atingiria ninguém próximo a mim. Eu e meus amigos nos víamos como muito “espertos” para deixar que algo do tipo nos acontecesse. Mas infelizmente não existe esperteza que nos mantenha seguras nas periferias violentas e daquele momento em diante, receber a notícia do assassinato de algum amigo se tornou frequente. Hoje, com 35 anos de idade, ainda me sinto atravessado por toda dor iniciada 20 anos atrás, pois são feridas que jamais cicatrizam.

Para algumas pessoas existe algo bem simbólico que acontece ao completar 15 anos e para mim não foi diferente. Considero ter iniciado nessa idade um ciclo bem doloroso, tanto pelos eventos narrados anteriormente, quanto pelo fato de ter perdido um sobrinho com essa idade. Ele foi mais uma vítima da violência existente naquela comunidade. Infelizmente, existe ainda outro elemento em toda essa coincidência, pois foi justamente no dia do meu aniversário de 33 anos, ou seja, exatamente dois atrás. Perder Gabriel, meu sobrinho, foi um baque enorme e representou o fechamento desse ciclo de violência, que iniciou com meus amigos e terminou com meu sobrinho. Esse evento me fez não mais querer voltar à comunidade onde me criei, a mesma na qual vi amigos e meu sobrinho serem assassinados e onde minha mãe, em sua imaginação, me viu morrer várias vezes. Mas permaneço vivo e estou aqui, contrariando as estatísticas e contando parte da minha história.

## 2.5 O RAP como “suporte” psicológico

“É alarmante o número de jovens que vêm sendo criminalizados, ou mesmo mortos em nossas periferias hoje. Vários estudos têm mostrado que no Brasil prevalece a visão de que jovens pobres, sobretudo jovens negros, são delinquentes e violentos, o que os torna mais expostos à morte violenta, à serem alvo sistemático de torturas e maus-tratos” (ANISTIA INTERNACIONAL, 2000; SOARES, 2000; VICENTIN, 2005 apud DEBIEUX, VICENTIN, 2010). Essas informações não são surpresa para mim e relatam fatos que faziam parte do meu cotidiano, onde vi meus amigos serem assassinados e meu sobrinho ser torturado antes de ter o mesmo fim deles.

Viver na periferia significa enfrentar muitas dificuldades e superações constantes. Toda essa carga de sofrimento às vezes é desconsiderada, tornando-se muito difícil encontrar elementos que possam servir de suporte psicológico. Não lembro de ter ouvido esse termo ou a importância que este suporte representa na vida das pessoas até entrar na universidade. Mesmo diante de um grande sofrimento éramos orientados a nos manter firmes e desconsiderar nossas dores, pois teoricamente você não poderia demonstrar fraqueza. Os eventos traumáticos da morte dos meus amigos, são os principais exemplos de momentos sem suporte, onde sequer compreendia o significado da palavra luto e no que implica não trabalhar esses sentimentos.

Quando comecei a ouvir rap ficava encantado com a batida e as letras, porém depois comecei a entender a ideologia do rap e qual o objetivo daquelas letras. Infelizmente eu era motivo de piada para meus amigos. Quando utilizava o termo "ideologia" para me referir ao rap, eles me chamavam de "maluco" e também falavam que eu estava "viajando" (gíria utilizada para dizer que eu estava fora da realidade) de todo modo esse era meu objetivo: fugir um pouco de toda aquela realidade violenta. Foi dessa forma que comecei a entender que muita coisa ali estava errada e que existiam outras formas de lidar com nossas questões para além da violência que conhecíamos, e que nos era apresentada como única possibilidade, naturalizada.

Dessa forma, comecei a me aprofundar nas letras e busquei compreender conteúdos que foram me servindo de suporte sempre que me deparava com situações perturbadoras. Quando, por algum motivo eu estava irritado, triste, desmotivado e descrente do futuro, era no rap que eu encontrava motivação para seguir. Foi através do rap que me senti motivado a não desistir da educação, a compreender que existiam outras formas de enxergar a vida e que as mudanças fazem parte de nossas vidas.

A morte do meu sobrinho foi o elemento final para decidir realizar esse relato autobiográfico. O processo de relatar sobre esse ciclo, que começa com as dificuldades da

minha infância, passa pelas revoltas e dores da adolescência, inclusive com a morte dos meus primeiros amigos, acabou ajudando a fechar um ciclo que eu imaginei para mim, sobrevivente, pois assim como minha mãe, me vi morto várias vezes.

Meu sobrinho fazia eu me ver em alguém. Ele cumpriu à risca a maior parte do caminho trilhado por mim naquela comunidade, porém não teve a mesma sorte que eu. Tentei trazê-lo para perto de mim. Infelizmente não consegui e tive que ver acontecer com ele o que poderia ter acontecido comigo. Me vi deitado naquele caixão e mesmo não sendo confortável tocar nesse assunto, é extremamente importante para mim relatá-lo aqui, pois se não o fizesse deixaria uma lacuna enorme sobre o que foi minha caminhada nessa “selva triste”.

Pouco tempo antes do assassinato de Gabriel, tive uma conversa incrível com ele. Tive a oportunidade de ouvir tudo que desejava. Ele falava em ajudar sua mãe e seu irmão, um sonho comum aos jovens da periferia. Disse também que desejava ir embora dali, mas não podia deixar sua mãe só. Assim como eu, ele acreditava ser o “protetor” da sua família: esse foi um dos motivos que me fez me aproximar de quem era tido como violento na comunidade, seguindo a lógica do “se não pode vencê-los, junte-se a eles”. Foi por medo que me envolvi com a violência e com quem era visto como os “donos” da comunidade, tendo em vista que sempre me senti vulnerável diante de tanta violência. Compreendo que esse também foi o movimento do meu sobrinho, uma busca inconsciente pela segurança a qualquer custo.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O QUE A PSICOLOGIA TEM A VER COM TUDO ISSO?**

“A denominação psicologia social comunitária integra um conjunto de pressupostos teóricos que fundamentam a atuação profissional, por exemplo, as concepções de Paulo Freire (1979) acerca do processo de conscientização social por meio da educação popular nas comunidades e as ideias de Martin-Baró (1998) sobre a psicologia da libertação”, que enfatiza o comprometimento com os grupos sociais buscando a superação das dificuldades e o fortalecimento de vínculos. Essas pontuações com relação a psicologia comunitária trazem consigo os elementos que reúnem valores imensuráveis quanto ao poder transformador da realidade das pessoas nas periferias brasileiras, sendo aplicável inclusive aos jovens que escolhem o rap como elemento transformador.

Assim como na minha vida, aqui narrada, inúmeros são os traumas das pessoas que sobrevivem no contexto das periferias violentas. Somos assediados diariamente de forma negativa e todo esse assédio, presente na mídia e institucionalizado, causa descrença quanto ao futuro, deixando com isso danos difíceis de reverter na vida de quem está inserido nesse contexto.

Tudo o que tem a ver com a periferia, traz consigo muito preconceito e essa forma muitas vezes única de olhar a periferia faz com que muitas das potências existentes nesse lugar deixem de ser observadas, como por exemplo o rap, que considero um aliado forte na luta contra as opressões sofridas por quem vive nas periferias. Com toda certeza esse é um movimento cultural e político que reúne elementos que fazem com que se alcance um lugar de destaque e visibilidade que muitos desejam ocupar. Porém, devido ao preconceito, veem sua arte ser marginalizada e não valorizada como deveria. Muitos jovens deixam de acreditar no poder transformador da realidade pessoal e do lugar onde vivem devido ao preconceito enfrentado por quem decide viver dessa arte.

Mesmo entendendo que minha narrativa autobiográfica não reúne elementos suficientes para afirmar alguns aspectos sobre este assunto, possibilita as reflexões sobre como perceber essas realidades de opressão e as possíveis contribuições que podemos dar para as modificações das mesmas. Por este motivo, quero deixar aqui registrado minha inquietação sobre o tema, pois penso que a valorização e a observação mais próximas, através de um olhar mais sensível sobre essas questões, podem ajudar a transformar essas realidades também a partir da psicologia, principalmente por meio de ações pautadas pela psicologia comunitária.

Tornar visível a importância dos elementos que se tem à disposição nas periferias talvez seja a maior contribuição e responsabilidade de quem busca atuar no contexto das comunidades periféricas. Sei que existem inúmeras potências nesses lugares, mas aqui dei maior ênfase ao rap por ter sido a ferramenta que modificou meu olhar com relação à sociedade. Entretanto, cabe ao profissional que atua a partir da psicologia e que se propõe a adentrar nessas localidades, encontrar as potências existentes, para assim, construir a melhor forma de atuar junto a quem ali estiver. Encontrar as potências disponíveis e torná-las visíveis é uma das principais contribuições da psicologia e dos psicólogos que tiverem a oportunidade de realizar intervenções em comunidades periféricas, semelhantes à que narrei aqui.

Como quase psicólogo, que também pode produzir uma escrita acadêmica sobre si como modo de construir conhecimento menos formal e mais aproximado da vida como ela é, muitas vezes retratadas pela universidade a partir de fora ou de uma aproximação pontual pela inserção “no campo” da pesquisa, considero que a escrita de um TCC com essas características que optei por trazer aqui, uma escrita terapêutica e de ressignificação, contribuirão não só para o exercício final que o curso superior exige, mas para também nos ajudar a escrever outras histórias sobre nós mesmos, outras letras de RAP sobre nossas vidas, nossos sonhos e a necessidade de superar coletivamente os desafios impostos socialmente.

## REFERENCIAS

- ANDRADE, J. B. **Sumário de Ciência Política para o ensino acadêmico**. Barbacena: Editora FUPAC, 2012. Disponível em: <https://ri.unipac.br/repositorio/wp-content/uploads/tainacan-items/70150/109120/Ciencias-politicas.pdf>. Acesso em: 17 out. 2021.
- AZEVÊDO, A. V. S.; PARDO, M. B. L. **Formação e atuação em psicologia social comunitária**. Periódicos Eletrônicos em Psicologia, 2014. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-12472014000200009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472014000200009). Acesso em: 17 out. 2021.
- BUTLER, J. **Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética**. Tradução: Rogério Bettoni. 1. Ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2015.
- CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. Editora 34. 1Ed. São Paulo, 2000.
- CERRUTE, M. Q. **O jovem e o rap: Ética e transmissão nas margens da cidade**. 2016. Tese (Doutorado) – Curso de psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo, 1980.
- MARQUES, V.; SATRIANO, C. R. **Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa**. Linhas Críticas, Brasília, v.23, n.51, p. 369-386, jun. 2017 a set. 2017.
- NIETZSCHE, F. **Para a genealogia da moral**. Tradução: Paulo César. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- RACIONAIS MC's. **Diário de um detento**. In: Sobrevivendo no inferno. São Paulo: Zimbabwe Records, 1997. 3 CD.
- \_\_\_\_\_. **Capítulo 4, Versículo 3**. In: Sobrevivendo no inferno. São Paulo: Cosa Nostra, 1997. 4 CD.
- \_\_\_\_\_. **O homem na estrada**. In: Raio X Brasil. São Paulo: Zimbabwe Records, 1993. 3 CD.
- \_\_\_\_\_. **Formula mágica da paz**. In: Sobrevivendo no inferno. São Paulo: Zimbabwe Records, 1997. 3 CD.
- \_\_\_\_\_. **Diário de um detento**. In: Nada como um dia após o outro dia. São Paulo: Zimbabwe Records, 1997. 3 CD.
- ATLAS da violência. Homicídios faixa etária de 15 – 29 anos. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/dados-series/24>. Acesso em: 17 out. 2021.